



SEVIÇO PÚBLICO FEDERAL
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
INSTITUTO DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
CURSO DE PEDAGOGIA

Shirlene Paes Pessoa

Estágios acadêmicos: O saber lúdico como ferramenta importante no contexto escolar.

Belém/PA, Julho de 2019



FACULDADE DE EDUCAÇÃO
CURSO DE PEDAGOGIA

Shirlene Paes Pessoa

Estágios acadêmicos: O saber lúdico como ferramenta importante no contexto escolar.

Trabalho de conclusão apresentado como requisito parcial para a obtenção de título de graduada, licenciada pelo curso de Pedagogia da Universidade Federal do Pará - UFPA

Orientadora: Prof Esp. Marta Maria Barbosa

Belém/ PA, Julho de 2019.



FACULDADE DE EDUCAÇÃO
CURSO DE PEDAGOGIA

Shirlene Paes Pessoa

Estágios acadêmicos: O saber lúdico como ferramenta importante no contexto escolar.

Data da aprovação: ____/____/____

Conceito: _____

Trabalho de conclusão de curso apresentado como requisito para obtenção de grau em licenciatura em Pedagogia na Universidade Federal do Pará.

Banca Examinadora

Prof^a. Esp. Marta Maria Ferreira Barbosa

Prof^a. Ms Brennda Valleria do Rosário Freire

Prof^a. Ms Edna Leonor Reis Guedes

Agradecimentos

Agradeço, imensamente a Deus por conceder o dom de aprender, por me iluminar e acompanhar sempre durante a caminhada acadêmica que me proporcionou momentos ímpares para adquirir conhecimentos extraordinários e conhecer pessoas iluminadas que cruzaram meu caminho somando, sempre um novo aprendizado.

Agradeço especialmente à minha mãe por sempre acreditar em mim, cuidando e preservando minha integridade em todos os momentos. Ao meu pai, que me apoiou constantemente durante toda minha formação, contribuindo sempre que possível para alcançar meu objetivo. Não posso deixar de agradecer ao meu companheiro que me apoiou intensamente a cada semestre conquistado.

Excepcionalmente, preciso agradecer as professoras da banca que se disponibilizaram a me ajudar, mesmo quando não tive mais esperanças. Meu muito obrigada pelo empenho de todas em me ajudar.

Por fim, devo agradecer aos amigos que, verdadeiramente buscaram essa realização junto comigo.

Muito obrigada a todos!

Sumário

1. Introdução.....	7
2. Processo de Ensino Aprendizagens: abordagem piagetiana.....	9
3. Trabalho pedagógico e Mediador	10
4. O Lúdico.....	12
5. Saber lúdico: Brincando, também se aprende!.....	14
6. Experiências: Estágios Acadêmicos.	18
6.1 Coordenação Pedagógica	19
6.2 Educação Infantil: Primeiro olhar	20
6.3 Ensino Fundamental I: Um novo olhar.....	22
6.4 Ensino Fundamental I: A experiência lúdica	22
6.5 Estágio não supervisionado: Uma experiência sem estímulo	24
7. Relações e Aprendizagens	26
8. Considerações finais	30
9. Referências.....	32

Resumo

Este trabalho tem o objetivo de elencar o saber lúdico como ferramenta para execução de práticas pedagógicas no contexto escolar, de modo a contribuir para o desenvolvimento do educando. Através das experiências dos estágios supervisionados realizadas durante o período de graduação no curso de pedagogia na Universidade Federal do Pará e partir de uma breve leitura sobre o histórico da infância e educação, enfatizo o processo de ensino aprendizagem de uma criança a partir do meio em que está inserida, considerando suas habilidades motoras, cognitivas, físicas e emocionais. Fomento a importância da relação família – escola – aluno, como estrutura base para o desenvolvimento de uma criança, exemplificando e argumentando alguns fatos vivenciados na rotina dos estágios realizados durante a vida acadêmica na UFPA.

Palavras Chaves: Estágio, Infância e Aprendizagem.

Abstract

This work has the objective of listing playful knowledge as a tool for the execution of pedagogical practices in the school context, in order to contribute to the development of the learner. Through the experiences of the supervised internships during the undergraduate course in the pedagogy course at the Federal University of Pará and starting from a brief reading about the history of childhood and education, I emphasize the teaching process of learning a child from the environment in which is inserted, considering their motor, cognitive, physical and emotional abilities. I foster the importance of the family - school - student relationship as the basic structure for the development of a child, exemplifying and arguing some of the facts that were experienced in the routine of the internships during UFPA 's academic life.

Keywords: Internship, Childhood and Learning

1. Introdução

Durante os anos de graduação em que estive matriculada no curso de pedagogia na Universidade Federal do Pará, obrigatoriamente precisei cumprir as cargas horárias relacionadas aos estágios supervisionados. Disciplinas que proporcionaram vivenciar experiências únicas durante as atividades propostas, conhecendo pessoas com diversas singularidades e estabelecendo relações a medida que o entrosamento com a turma escolhida se concretizava. Devo admitir que os aprendizados adquiridos a cada estágio persuadiram as concepções que obtinha a respeito do ensino público na educação infantil, pois as estruturas das escolas visitadas, a dinâmica dos profissionais, a falta de recursos e o desempenho de algumas instituições me causaram indignações, pois imaginava uma outra realidade para este segmento pedagógico. Embora, muitas atitudes, dependessem da disponibilidade de verbas, observava-se a falta de organização e criatividade de muitos educadores.

Destacando as experiências dos estágios realizados e as contribuições de alguns autores no que diz respeito à educação, disserto ao longo desse trabalho alguns pontos relevantes os quais acredito que, precisam, estar presentes nas rotinas escolares fortalecendo o processo de ensino aprendizagem dos educandos, de modo que possam obter atitudes críticas-reflexivas e de autonomia, desempenhando suas habilidades de acordo com seus limites a partir do conhecimento existente adquirido no meio social que encontrasse inserido.

Sabemos que os caminhos da educação percorreram diversos obstáculos durante os séculos passados até alcançar a estabilidade de conhecimentos presentes na sociedade atualmente. Inúmeras batalhas foram traçadas para conquistar o direito à educação para os indivíduos desde a menor idade. Entre os séculos XVII e XIX a sociedade negligenciava o sentido da infância, as crianças eram tratadas como “adultos em miniatura”, e designados a realizarem as mesmas tarefas, além de socializarem nos mesmos ambientes vivenciando as mesmas formas de diversão entre conversas, jogos e atitudes de “gente grande”, o descaso era total. Este cenário poderia ter sido diferente se a educação dos pequenos fosse levada a sério, realizada desde o nascimento, pois assim assimilariam melhor as “coisas de criança”. Elas vivenciariam experiências de acordo com sua faixa etária respeitando seus limites em

espaços adequados que correspondessem as expectativas e curiosidades presentes na fase inicial de sua vida, momento em que a criança passa a adquirir os primeiros conceitos sobre os conhecimentos que contribuíram para seu desenvolvimento até a sua fase adulta onde será concretizada sua personalidade.

Por fim, em meados do século XIX, a criança torna-se objeto de políticas públicas, momento em que a preocupação com a infância passa a ser considerada importante para o progresso da humanidade, fortalecendo a necessidade de constituir uma sociedade integra, capaz de estruturar seus processos de modernização. A partir de então os direitos da criança começam a ser estudados. Estas passam a ter seu espaço diferenciado na sociedade, e a percepção de seu comportamento demonstra a necessidade de serem assistidas nessa fase.

Nesse contexto diferentes formas de educar foram introduzidas na sociedade. Metodologias para ricos, outras para pobres. Algumas escolas, apenas, para crianças de maior poder aquisitivo foram disponibilizadas, a fim de iniciarem seu processo de aprendizagem. Entre outras poucas possibilidades. O aprendizado era limitado, ensinava-se apenas o que a sociedade permitisse na tentativa de inibir atitudes diferentes ao que a mesma impunha. O direito a frequentar os espaços determinados a transmissão de conhecimentos atendia uma sociedade padrão, onde as crianças pertencentes às famílias com poder aquisitivo elevado diante desta obtinham maiores regalias e condições favoráveis ao seu aprendizado.

Atualmente percebemos as grandes conquistas que contribuíram para uma visão ampla sobre a educação. O direito da criança, as instituições escolares dispostas a atendê-las, independentemente de qualquer situação e a busca incansável pela parceria que constitui escola e família. Esta parceria possui forte influência sobre o processo de ensino e aprendizagem de uma criança, bem como o meio no qual, historicamente e culturalmente, está inserido.

Embasada nessa concepção, analisei minhas experiências nos estágios supervisionados, e não supervisionados, realizados ao longo da graduação em Licenciatura em pedagogia na Universidade Federal do Pará, ensaiando um breve relato sobre o que diz as concepções teóricas e o que as vivências destes contribuíram

para o desenvolvimento, enquanto profissional da educação, elencando o lúdico como forma possível de aprendizagem no contexto escolar.

2. Processo de Ensino Aprendizagens: abordagem piagetiana.

O presente capítulo discorre a respeito das fases de desenvolvimento da criança correspondentes ao processo de ensino aprendizagem, segundo Piaget, considerando não apenas, as vivências e o meio social da criança, mas também as faixas etárias, suas características e subjetividades. Citando a ação que o professor deve desempenhar a partir desta abordagem permitindo que o educando estabeleça relações de interatividade em um espaço criativo, afetivo e acolhedor.

O processo de ensino aprendizagem de uma criança transcorre a partir dos conhecimentos que a mesma absorve nas diferentes vivências desde o seu nascimento. Os estágios de desenvolvimento abordados por Piaget, demonstram a evolução de uma criança durante as fases de vida de 0 a 12 anos, destacando as características psíquicas, motores e cognitivas desenvolvidas sempre quando estimuladas, respeitando as subjetividades de cada uma. Além do que, os professores precisam estar capacitados para atender todas as crianças observando suas particularidades e destacando suas habilidades.

[...] O processo ensino-aprendizagem no lado afetivo se revela pela disposição do professor de oferecer diversidade de situações, espaço, para que todos os alunos possam participar igualmente e pela sua disposição de responder às constantes e insistentes indagações na busca de conhecer o mundo exterior e assim facilitar para o aluno a sua diferenciação em relação aos objetos. (Maboney e Almeida, 2005, p. 22)

Para Piaget, a criança aprende quando passa por estágios de aprendizagens que correspondem ao tempo de vida em que a mesma se encontra. Dessa forma entende-se que a abordagem piagetiana defende que devemos considerar o estado biológico de uma criança e então inseri-la no meio social ao qual poderá se adaptar conforme a faixa etária que se apresenta. Desse modo destaca-se as fases apresentadas por Piaget correspondentes ao processo de ensino aprendizagem de crianças de 0 (zero) a 2 anos de idade, designada fase sensório motor; as crianças entre 2 a 7 anos de idade pertencem a fase designada de pre operatório; a faixa etária

de crianças de 7 aos 11 anos de idade remete-se a fase operatório concreto; e a última fase nomeada pós-operatório, delimita as crianças a partir dos 11 anos de idade. Em todas as fases a criança passa por processos de adaptação, assimilação, equilíbrio e acomodação (ações estabelecidas por Piaget em seu estudo) que compreendem à aquisição do conhecimento transmitido e conforme os conceitos adotados e/ou adquiridos contribuem, conseqüentemente, para seu processo de ensino aprendizagem conforme seu crescimento.

Diante dessa teoria é importante que o educador esteja atento às ações do aluno exercidas na rotina escolar estabelecendo relações que os aproximem e possibilite a interação dele com o coletivo, pois a partir das atitudes exercidas é possível compreender e obter um diagnóstico sobre o comportamento do aluno. Para isso a instituição necessita que o professor responsável por uma turma esteja muito bem preparado e capacitado para exercer essa função, pertinente à sua formação e desenvolvimento do aluno, oferecendo a eles um espaço agradável transmitindo segurança e acolhimento.

3. Trabalho pedagógico e Mediador

[...] O educador é o mediador entre crianças e os objetos de conhecimento, organizando e propiciando espaços e situações de aprendizagens que articulem os recursos e capacidades afetivas, emocionais, sociais e cognitiva de cada criança aos seus conhecimentos prévios e aos conteúdos referentes aos diferentes campos de conhecimento humano (MONTEIRO, 2020, p. 5, *apud* Forest e Weiss, p 7)

Sabendo que a infância é a primeira etapa da vida do ser humano, quando inserido no meio escolar, o educador precisa observar o que a criança traz consigo para aquele espaço, investigando sua história de forma cautelosa e acima de tudo deve reinventar a sala de aula interagindo com os pequenos destacando sua autonomia e cooperação com o objetivo da criança se sentir bem, segura e acolhida, sendo motivada a desempenhar as tarefas designadas à ela atendendo suas curiosidades estimulando e orientando as experiências vividas, assim construindo seu próprio conhecimento.

Forest e Weiss destacam de BRASIL, 1998, P. 41: [...] *O trabalho direto com as crianças pequenas exige que o educador tenha uma competência polivalente. Ser polivalente significa que ao educador cabe trabalhar com conteúdos de naturezas diversas que abrangem desde cuidados básicos essenciais até conhecimentos específicos provenientes das diversas áreas do conhecimento. Este caráter polivalente demanda, por sua vez, uma formação bastante ampla e profissional que deve tornar-se, ele também, um aprendiz, refletindo constantemente sobre sua prática, debatendo com seus pares, dialogando com as famílias e a comunidade e buscando informações necessárias para o trabalho que desenvolve. São instrumentos essenciais para reflexão sobre a prática direta com as crianças a observação, o registro, o planejamento e a avaliação.*

O educador é o principal investidor de sua profissionalização, pois o setor da educação é um setor que está em transformação e inovação frequentemente, a cada nova especificidade, a cada nova metodologia descoberta e a cada nova relação há sempre um novo aprendizado a ser introduzido. As instituições também possuem o papel de colaborar no investimento sistemático para capacitação do profissional da educação a cada nova área descoberta, ou nas já existente, pois segundo o texto da LDB, título VI, artigo 62

A formação de docentes para atuar na educação básica far-se-á em nível superior, em curso de licenciatura, de graduação plena, em universidades e institutos superiores de educação, admitida, como formação mínima para o magistério na educação infantil e nas quatro primeiras séries do ensino fundamental, a oferecida em nível médio, na modalidade normal.

Não apenas o mediador, mas a instituição como um todo devem demonstrar-se atentos e dispostos a participar da construção ativa do conhecimento das crianças inseridas no meio escolar, agindo também como educador no processo de ensino e aprendizagem, uma vez que, quando trabalhamos em uma escola exercemos o papel, também de mediador diante das intervenções sociais nas dependências da mesma, e entre outras situações rotineiras.

[...] O agir pedagógico deve atender às reais necessidades das crianças, deve ser criativo, flexível, atendendo à individualidade e ao coletivo". (FOREST e WEISS)

Seguindo essa concepção compreendemos que todos estão envolvidos na construção de conhecimentos e personalidade das crianças, discernindo conceitos, orientando ações, estimulando habilidades, traçando um caminho significativo em suas vidas para formação de um caráter íntegro e sólido. Por isso é válido fomentar que na relação da família com a escola, a troca de informações deve ser recíproca.

Conhecendo o modo de vida dos educandos, cabe ao professor, desenvolver atividades que estimulem a busca por novos conhecimentos através de metodologias que promovam o interesse, despertem a curiosidade e agucem o prazer de vivenciar novas experiências assimilando o novo ao que já internalizaram. As atividades lúdicas, podem contribuir muito para fortalecer a prática pedagógica de um mediador, desde que ele, esteja capacitado e empenhado a contribuir para o desenvolvimento de seus alunos.

4. O Lúdico

[...] Os aspectos simbólicos de sociabilidade, linguagem e cognição também são estimulados na brincadeira. O jogo é uma maneira de as crianças interagirem entre si, vivenciarem situações, manifestarem indagações, formularem estratégias e, ao verificarem seus erros e acertos, poderem reformular sem punição seu planejamento e suas novas ações” (CORDAZZO E VIEIRA, 2007, p 6)

Quando falamos sobre lúdico, remetemos a palavra aos jogos, do latim “*jocus*”, que significa brincadeira, divertimento. Consiste em uma atividade física ou intelectual composta por dois ou mais jogadores, definida por regras.

Os jogos é uma metodologia que está sendo inserida no contexto escolar gradativamente, no entanto muitos professores, principalmente, na educação infantil, já utilizam essa prática para conduzir suas aulas, aguçar a curiosidade e viver novas experiências com seus alunos. Aos que tem a prática pedagógica aguçada, adquirem o domínio sobre a atividade mediando-a com entusiasmo motivando a curiosidade dos alunos em descobrirem um novo aprendizado a ser alcançado a partir de uma nova atividade, uma nova experiência.

No último estágio obrigatório presenciei diversas atividades lúdicas que motivavam as crianças a explorarem uma nova descoberta apropriando-se de cada

aprendizado transmitido. A professora sempre empenhada a contribuir com o desenvolvimento de seus alunos, buscava em cada atitude introduzir o conhecimento através da experiência que estavam vivenciando. A troca era recíproca, pois, a atenção dos educandos estava voltada para o comando que a professora explicava e para as ações que ela determinava.

[...] Ensinar por meio de jogos é um caminho para o educador desenvolver aulas mais interessantes, descontraídas e dinâmicas, podendo competir em igualdade de condições com os inúmeros recursos a que o aluno tem acesso fora da escola, despertando ou estimulando sua vontade de frequentar com assiduidade a sala de aula e incentivando seu desenvolvimento no processo de ensino e aprendizagem, já que aprende e se diverte, simultaneamente. (SILVA, 2004, p.26) (<https://repositorio.ufpb.br/jspui/bitstream/123456789/2431/1/POB19012016.pdf>)

De acordo com Referencial Curricular Nacional para Educação Infantil, 1998: “... a brincadeira é cada vez mais entendida como atividade que, além de promover o desenvolvimento global das crianças, incentiva a interação entre os pares, a resolução construtiva de conflitos, a formação de um cidadão crítico e reflexivo.” Brincando a criança explora cada vez mais o mundo que a rodeia, pois a interação com o todo permite que ela descubra, se relacione e conheça seus limites.

As brincadeiras da infância inseridas na escola despertam o sentimento de viver o novo, descobrir e explorar, pois a modificação do espaço permite que a criança vivencie novas experiências obtendo novos conhecimentos e absorvendo novos aprendizados. Os brinquedos utilizados nos momentos de diversão, também favorecem a construção do aprendizado da criança, embora seja objetos, possui algum significado. Estes podem ser resgatados conforme a cultura lúdica, trazendo ressignificações, perante a nova realidade estimulando a criatividade, soluções, tomadas de decisões e a criarem sua realidade a partir das transformações do objeto, do meio e das interações.

Utilizando o brinquedo como objeto de conhecimento, uma ação interativa clássica pode ser promovida pelo professor com os alunos na sala de aula: “O dia do brinquedo”. O professor solicita que os alunos levem no dia seguinte um brinquedo que gostem muito de brincar e em um certo momento de recreação numa roda de conversa, permita que os alunos troquem as experiências de seus brinquedos com os colegas, destacando o sentimento e o significado de cada aluno, mostrando a

representatividade que aquele objeto possui na sua vida e que tipo de relações permeiam desde quando o encontrou (comprou ou ganhou), mediando a troca de brinquedos entre eles para que o colega possa brincar com o brinquedo do outro, e assim observar se os sentimentos de forma os sentimentos prevaleceram e modificaram ao longo da brincadeira.

De acordo com Kishimoto:

[...] O brinquedo coloca a criança na presença de reproduções: tudo o que existe no cotidiano, a natureza e as construções humanas. Pode-se dizer que um dos objetivos do brinquedo é dar a criança um substituto dos objetos reais, para que possa manipulá-los. Duplicando diversos tipos de realidades presentes, o brinquedo metamorfoseia e fotografa a realidade, não reproduz apenas objetos, mas uma totalidade social (KISHIMOTO, 2003, p. 109). (<https://repositorio.ufpb.br/jspui/bitstream/123456789/2431/1/POB19012016.pdf>)

Para concretizar o aprimoramento e intensificar a utilização de práticas pedagógicas lúdicas nas escolas o desejo, a capacitação, a criatividade e o profissionalismo precisam caminhar juntos para renovar, inovar e explorar o mundo lúdico que pode contribuir para o aprendizado de uma criança. Todos tornam-se responsáveis quando o objetivo é estimular a construção do conhecimento do educando, visando o crescente desenvolvimento deste, a partir da metodologia adotada fomentando a formação de um caráter digno e de personalidade forte, indiscutível. O aprendizado escolar contribui muito para formação de um cidadão crítico, reflexivo e de boa conduta.

5. Saber lúdico: Brincando, também se aprende!

[...] A Educação Lúdica é uma atividade inerente à criança que leva o ser humano ao encontro do conhecimento, da socialização e do desenvolvimento do seu caráter". (Dias, 1984)

Quando brincamos com uma criança observamos os significados presentes nas formas de brincar que ela vive, pois, o contexto social e histórico influencia muito nisso. De acordo com alguns estudos a brincadeira é algo cultural, está inserida na vida do ser humano histórica e culturalmente. O meio em que presencia rotineiramente induz a vivência de brincadeiras que são renovadas ao longo do tempo de acordo com o poder de imaginação de cada uma, em virtude do que é experienciado a cada momento.

As brincadeiras são parte integrante da cultura de um país, de um povo. Se voltarmos no tempo temos a criança não vista como tal, convivendo no meio social dos adultos vivenciando as mesmas experiências sem a diferença de idade ou tamanho. Os pequenos disputavam diversos jogos de igual para igual com os adultos no momento em que a sociedade não reconhecia a criança, mas a estimulava da mesma forma que os adultos buscavam a diversão. Através dos jogos!

Dias, 1984, afirma que,

[...] As brincadeiras são universais, estão na história da humanidade. [...] Achados arqueológicos do século IV a.C., na Grécia, descobriram bonecos em túmulos de crianças. [...] o ato de brincar é parte integrante da vida do ser humano, e tem sua história marcada desde a vida intrauterina”.

Importante elencar, a cultura indígena, que possui forte influência, principalmente na cultura brasileira, na apropriação de conhecimentos dos indivíduos que fazem parte da mesma. A rotina da criança de uma tribo demonstra as diferentes formas de brincar, muitas utilizavam bonecos de barro, treinavam arco e flecha, imitavam animais da natureza presentes em seu meio de convivência e entre outras atividades que desenvolviam brincando e aprendendo o que sua cultura pode lhe ensinar tornando-o participante ativo do seu processo de aprendizagem.

[...] A cultura é a fonte do desenvolvimento psíquico e cultural. [...] os aspectos essenciais que explicam sua influência sobre o desenvolvimento das crianças e sobre o desenvolvimento de sua personalidade consciente são as relações que as crianças estabelecem com esse meio mediadas direta ou indiretamente por parceiros mais experientes” (Mello, p 9)

O ato de brincar esteve presente na vida das crianças desde muito tempo, influenciando ativamente em seu processo de ensino aprendizagem. As transformações nas diferentes formas de brincar fortaleceram a ideia de que as brincadeiras podem contribuir para o desenvolvimento de uma criança tanto em casa como na escola, seguindo o roteiro do seu contexto social, respeitando as suas subjetividades e destacando suas habilidades para realização das atividades propostas.

[...] Historicamente, o homem sempre brincou, por meio dos diversos povos e culturas e no decorrer da história, mas ao longo do tempo, as formas, os espaços e os tempos de brincar, os objetos foram se transformando. (Dias, 1984)

Diante disso, firma-se o que está previsto na resolução nº 5 de 17 de dezembro de 2009 (CNE/ CEB 5/2009 Seção 1 pagina 18), a respeito da inserção de brincadeiras nas atividades escolares.

Art 4º. As propostas pedagógicas da Educação Infantil deverão considerar que a criança, centro de planejamento curricular, é sujeito histórico e de direitos que, nas interações, relações e práticas cotidianas que vivencia, constrói sua identidade pessoal e coletiva, brinca, imagina, fantasia, deseja, aprende, observa, experimenta, narra, questiona e constrói sentidos sobre a natureza e a sociedade, produzindo cultura.

Os espaços modificados ao longo do tempo, tornou-se fator motivador para a realização de atividades lúdicas, onde o profissional habilitado pode explorá-lo estimulando a criança a desempenhar suas habilidades respeitando seus limites. Portanto, o espaço em que a criança estará inserida para vivenciar o seu processo de ensino e aprendizagem deverá ser estimulante à suas ações, seguro e afetivo, além de possuir mediadores dominantes para conduzir as realizações das atividades adequadamente, com transparência, e com as características dos sentimentos adequados ao espaço motivador, de modo que marque na vida da criança somando ao aprendizado já adquirido. A escola para educação infantil deve possuir essas características, a fim de que, enriqueçam as experiências das crianças, e introduzam um relevante significado em sua vida, no seu processo de ensino e aprendizagem.

Segundo Dias, 1984, a brincadeira faz parte da infância de toda criança e quando usada de modo adequado na Educação Infantil produz significado pedagógico, estimula o conhecimento, a aprendizagem e o desenvolvimento.

[...] O lúdico é a mediação universal para o desenvolvimento e a construção de todas as habilidades humanas. [...] os jogos podem desenvolver a capacidade de raciocínio lógico, bem como o desenvolvimento físico, motor, social e cognitivo. (Redin, 2000)

Analisando os primeiros meses de vida de uma criança podemos observar que, de fato, a brincadeira sempre é uma nova experiência, a cada momento que ela se relaciona com pessoas diferentes, com ideias diferentes, os aprendizados são renovados, as formas de brincar se modificam e com o tempo elas assimilam qual o melhor momento da brincadeira. Quando um adulto brinca de esconder-se por trás das mãos ou por baixo de um lençol, o ápice da brincadeira é quando ele mostra o rosto para a criança; e quando na brincadeira de roda a cantiga do gato é cantada, o momento engraçado e divertido é quando todos se agacham gritando “miau”. E

quando se utiliza brinquedos de encaixe, é possível perceber a satisfação quando a criança consegue encaixar na forma adequada, ou uma peça dentro da outra. As brincadeiras de faz de conta fazem parte de um universo infantil que só sentimos quando somos crianças, a imaginação toma conta das brincadeiras e a satisfação em vivenciar coisas novas estampa no sorriso quando o prazer toma conta do momento de diversão.

A criança sente prazer em conseguir realizar as tarefas que lhe são direcionadas, e dependendo, do estímulo desempenhado a realização pode ser imediata. Envolvida nas brincadeiras, a criança tem o poder de inventar e reinventar, liberar sua criatividade e estabelecer que ela possui sua própria forma de construção de conhecimento, a partir do que lhe é apresentado.

[...] dar-lhes a oportunidade para que, brincando, liberem sua capacidade de criar e de reinventar o mundo, de liberar sua afetividade e de ter fantasias aceitas e favorecidas para que através do mundo mágico do 'faz de conta' possam explorar seus próprios limites e partir para aventura que poderá levá-la ao encontro de si mesma" (Cunha, 1994)

Além das brincadeiras infantis tradicionais ou não, que permeiam nas culturas dos povos, os jogos permitem que as habilidades também sejam despertadas, dependendo do modo como é mediado, o sentimento da criança é transmitido através de suas ações no decorrer do jogo. Por isso o mediador (professor (a)) precisa estar habilitado para conduzir uma partida do jogo escolhido, pois precisará esclarecer as dúvidas dos participantes, ditar regras e intervir de forma passiva sempre que necessário. Desse modo posso destacar que essa metodologia contribui para aprendizagem da criança motivando seu raciocínio lógico, trabalhando a cognição, influenciando-o a desempenhar suas habilidades, além do que, promove a socialização e a construção de seu caráter, pois o envolvimento com as demais crianças e com o meio possibilita que o aluno externalize suas emoções, assim observando os jogadores e suas ações, as situações e obedecendo as regras internaliza as boas lições e em seguida absorve apenas o que contribuirá para construção de seu caráter. Miranda afirma que, "*por meio da interação social, a criança galga os patamares necessários à construção da sua personalidade*".

Como destaque, a fala de Teixeira, reforça o que fora escrito.

A criança passa a ser vista como um sujeito ativo, participante de seu próprio processo de humanização e não como alguém que recebe e absorve o que lhe é disponibilizado de forma passiva, dependendo em tudo, da atenção do adulto para dirigir sua atividade. Ela aprende a partir da realização de suas atividades em interação com adultos e constrói significados sobre si mesmo, sobre o outro, sobre sua relação com o outro e com o mundo, imprimindo suas marcas nas mensagens culturais recebidas.

6. Experiências: Estágios Acadêmicos.

Para complementar as teorias abordadas em sala, o acadêmico introduzir a prática no seu aprendizado, lembrado que ambas são indissociáveis e juntas complementam a formação de um bom profissional.

[...] É necessário, pois, que as atividades desenvolvidas no decorrer do curso de formação considerem o estágio como um espaço privilegiado de questionamento e investigação”. (PIMENTA e LIMA, 2012, p. 112)
https://educere.bruc.com.br/arquivo/pdf2015/22340_11115.pdf

O conhecimento acadêmico transmite informações teóricas enriquecedoras para o aprendizado do discente, as quais devem ser colocadas em prática no meio educacional quando os estágios supervisionados precisam ser realizados. Nesse momento o acadêmico entra em contato com a realidade educacional no ambiente que futuramente atuará como profissional.

Levando em consideração que o estágio supervisionado é a parte prática do curso, quando atuamos como estagiários, devemos questionar o que de fato a teoria influencia na prática e como os profissionais atuam, diante da realidade que vivenciam. Todas as formas de ensinar devem ser observadas durante o estágio, pois contribuem para formação profissional dos acadêmicos, uma vez que, estando inseridos no contexto de aprendizagem, absorvem e aprimoram, conceitos.

Os relatórios da rotina de estágios, contribuem, também, para o conhecimento do acadêmico, haja vista que são neles que as percepções, as avaliações e suas observações são transcritas. As experiências ocorridas na sala aula são expostas, através da escrita, demonstrando as relações afetivas ou não, presenciadas durante as horas de cumpridas em determinadas instituições.

Fomentar a importância dessa disciplina nos cursos de graduação é essencial para que as orientações dos professores responsáveis, direcionadas as práticas,

sejam reflexivas, buscando sempre o esclarecimento para o questionamento existente.

6.1 Coordenação Pedagógica

Realizei o primeiro estágio obrigatório na área de coordenação pedagógica, a escola em que estava lotada, localizava-se na periferia do bairro do Guamá, nas proximidades da universidade. Estava funcionando em espaço improvisado, pois o prédio da escola estava em reforma.

De acordo com os depoimentos do corpo pedagógico a rotina da escola era muito “puxada”, funcionava nos três turnos (manhã, tarde e noite) e poucas pessoas compunha o setor. Em uma das falas de uma servidora, relatou a dificuldade de se relacionar com algumas pessoas da escola, onde perceptivelmente, as relações eram pouco conturbadas. Infelizmente, nesse local não obtive muita atuação, pois durante todas as horas de estágio a cumprir naquela instituição, permanecia, por muitas vezes, sentada em uma cadeira, apenas observando a rotina da coordenação. Em nenhum momento a diretora ou coordenadora da escola permitiram aproximação para questionar a respeito das funções que a coordenação executava.

A atuação nesse estágio teve pouca relevância na minha formação, porém mostrou-me a verdadeira realidade de uma instituição pública, onde os reais conflitos entre família e a escola são mediados, além de das dificuldades enfrentadas quando a escola deseja aproximar-se dos responsáveis dos alunos, agendando reuniões e plantões pedagógicos muitas vezes considerados sem importância pela família. Atitude que prejudica o desenvolvimento do aluno, pois a escola não consegue atuar sozinha no processo de ensino aprendizagem dos alunos. O corpo docente e pedagógico da escola precisam caminhar juntos e fortalecer a união das partes.

Atualmente atuando em uma coordenação pedagógico vivencio uma outra realidade, embora seja em uma escola particular, acredito que o que diferencia o trabalho não é a instituição, mas sim as pessoas que a compõem.

6.2 Educação Infantil: Primeiro olhar

A segunda experiência fora o estágio de observação na Educação Infantil, realizado em uma escola no município de Ananindeua no estado do Pará. Com uma boa estrutura, a escola possuía um amplo espaço ao redor com árvores que arborizava a área de recreação da escola e permitia que os alunos vivenciassem inúmeras experiências, além, das atividades pedagógicas, as brincadeiras infantis mais sugeridas eram, pega-pega, pira esconde, pira cola, estátua, entre outras.

As professoras utilizavam a área externa seguindo a proposta de realizar alguma atividade externa de ciências, de pintura, etc... Outras vezes penetravam na biblioteca da escola e mergulhavam no mundo das histórias infantis ou no laboratório de informática invadindo os serviços de pesquisa do mundo eletrônico ou aguçando as habilidades dos alunos nas atividades lúdicas eletrônicas através dos jogos educativo.

Observei o domínio dos professores em estimular e mediar as atividades propostas de forma enriquecedora, pois demonstravam ter conhecimento sobre o que estava sendo ensinado, transmitindo ao aluno segurança perante aos olhares atentos de todos.

As experiências vivenciadas nessa escola foram de suma importância para meu aprendizado, pois motivou-me a conhecer um pouco mais sobre o universo dos pequenos observando que estes, além de aprender conosco, também podem nos transmitir muitos aprendizados através de seu comportamento diante das situações ocorridas na rotina escolar, além absorver os verdadeiros sentimentos presentes nas relações família – escola – aluno, e é nessa relação que eu acredito.

Infelizmente a intervenção na Educação Infantil ficou para ser aplicada em outra instituição de ensino. Estive lotada em uma UEI (Unidade de Educação Infantil), localizada no bairro do Cúrio. Foi um estágio proveitoso, pois algumas professoras eram recém-formadas que fielmente procuravam inserir atividades na rotina das turmas seguindo as teorias estudadas na universidade. O prédio era novo, porém não existia espaço amplo para que as crianças explorassem ao redor. As atividades lúdicas poucas vezes foram inseridas no contexto escolar, mas observei a predominância de uma atividade incentivando o hábito da leitura com as crianças que encontravam-se matriculadas do maternal à pré-escola. Uma das atividades mais

frequentes era a contação de histórias, que deslumbrava as crianças sempre quando o lençol (cortina) decorado com EVA e outros acessórios era estendido na área de recreação da instituição.

A unidade era composta por duas turmas de cada “série”, muitas crianças da comunidade que viviam ao redor da UEl eram atendidas. O horário de funcionamento era integral de 07:00h às 18:00h, as crianças chegavam pela manhã e passavam o dia todo aos cuidados das professoras e das funcionárias da “creche”. Segundo relatos de algumas professoras, a maioria das crianças faziam sua primeira refeição ao chegarem na escola, onde também realizavam última...

Infelizmente essa é uma realidade que não gostaríamos de acreditar, mas é possível de acontecer. Os pais conseguiam a vaga para criança com o objetivo de seus filhos terem como se alimentar durante o dia, enquanto trabalhavam. Outros lutavam pela vaga, porque queriam ver seus filhos na escola, construindo seu aprendizado.

As experiências vividas nessa instituição permitiram conviver com realidades de famílias diferenciadas. Cada criança possui sua história, sua singularidade, diferentes relações, muitas abaladas emocionalmente e estruturas familiares diversas, o que muitas vezes dificultava a troca de informações e acompanhamento, a respeito de uma determinada criança, pois a professora fazia pouca exposição sobre a vida dos seus alunos com a estagiária.

A professora da turma, na qual estava acompanhando a rotina, era amável, dedicada, e se esforçava para cuidar das crianças, porém observei que ela precisava de mais motivação para desempenhar seu papel, em alguns momentos não conseguia ter voz ativa com as crianças, e deixava a desejar quando propunha alguma atividade para a turma. Faltava-lhe criatividade, o dom para mediar e transmitir segurança aos alunos. A opção para assistir vídeos num televisor era a única atividade que ainda chamava a atenção de alguns alunos quando a professora pedia que se comportassem. A prática pedagógica precisava ser aprimorada para o seu melhor desempenho, a fim de obter o domínio para mediar qualquer atividade proposta, inclusive as lúdicas.

A intervenção proposta para turma foi sobre alimentação saudável, onde várias frutas foram apresentadas às crianças, para saborearem diferentes gostos, na tentativa de introduzir novos hábitos alimentares em suas rotinas. Primeiro as imagens com os nomes impressos e depois as frutas para testar seus paladares, e conhecerem uma forma saudável para se alimentarem.

6.3 Ensino Fundamental I: Um novo olhar.

O estágio obrigatório de observação no Ensino Fundamental I foi realizado na escola em Ananindeua, Pará, onde o estágio de observação da educação infantil fora concluído. Mais uma vez, estava cercada de bons profissionais, onde naquele momento, pude observar as inúmeras possibilidades de atividades propostas para os educandos, a motivação dos professores em buscarem novas capacitações para se diferenciarem diante das oportunidades que viriam a aparecer em seus caminhos, a boa relação dos docentes muito bem entrosados procurando, sempre, um ajudar ao outro, buscando orientações, opiniões e ideias, e a relação com as famílias e a comunidades bastante estável. A diretora bastante acessível atendia a todos com muito carisma buscando resolver as dificuldades de cada aluno tornando-se amiga de todos. Visivelmente, a troca dos sentimentos nas relações eram recíproca.

Diante dessa prática cheguei a conclusão de que nenhum aluno chega no ambiente escolar, totalmente leigo, algum tipo de conhecimento ela traz consigo, portanto, o professor precisa estabelecer uma boa relação com ele para extrair esse conhecimento existente e introduzir a partir daí novos aprendizados, novas formas de agir, de pensar, de atuar no meio social. Além disso, o entrosamento com a família, também é primordial para que consiga chegar junto dos alunos e estimular suas habilidades, conhecendo seus pré-conceitos. Essa foi uma das lições que absorvi como aprendizado para uma boa formação profissional.

6.4 Ensino Fundamental I: A experiência lúdica

Por fim, o último estágio de Ensino Fundamental II, fora realizado em uma turma de 1º ano/9, em uma escola localizada no bairro do Umarizal, em Belém. Uma experiência que proporcionou-me vivenciar atividades lúdicas encantadoras e autênticas. A profissional responsável pela turma possuía um super dom para mediar as atividades propostas, inclusive, com o aluno autista matriculado na turma.

Visivelmente, a prática para mediar as atividades propostas era dominante. Um atrativo para os alunos, pais e demais colaboradores da escola que demonstravam satisfação no olhar com a metodologia aplicada.

Desse modo, estabelecia uma relação com os alunos extremamente fascinante, emotiva, confiante e recíproca. A segurança transmitida e a transparência eram indispensáveis para que as atividades fossem desenvolvidas de forma coerente, permitindo que a interatividade persistisse durante a aula, instigando as habilidades dos alunos e analisando seus conhecimentos para que o processo fosse, gradativamente, conduzido, o que demonstrava a satisfação da criança durante a execução das atividades. De forma satisfatória, via o lúdico sendo inserido no processo de ensino aprendizagem de uma criança.

Como exemplo, posso destacar, a atividade “*bingo das palavras*”, que consistia num jogo de bingo onde nas cartelas entregues aos alunos, existiam as palavras divididas em sílabas com a imagem demonstrando o que era e conforme a professora gritava uma sílaba o aluno ia formando a palavra. Era uma atividade dinâmica, pois muitas vezes acontecia na área externa da escola, e não somente na sala de aula, além de promover a interação entre os educandos para saber quem seria o ganhador. Através dessa atividade a professora desenvolvia o conhecimento sobre divisão silábica, reconhecimento das sílabas e objetos e estimulava a leitura. O objetivo era mostrar a criança como se escrevia os objetos apresentados.

Interessante ressaltar, que para todas as disciplinas, a professora separava um momento lúdico para motivar a turma buscando atenção dos alunos para o conteúdo ministrado, incentivando-os a desempenharem suas habilidades conforme sua orientação. Nesse quesito, ela não possui dificuldades, atraía os olhares curiosos antes mesmo de introduzir uma fala inicial para explicar o processo.

Também, não menos importante, vale ressaltar que as relações com as famílias de seus alunos eram enriquecedoras, uma vez que uma boa relação favorece o desenvolvimento dos alunos, a professora buscava sempre explicar determinadas situações e orientar os pais a conduzirem as atividades realizadas fora da escola. Há os que concordavam, outros questionavam, criticavam e dificultavam as ações de autonomia e criatividade dos educandos. Mas, junto a coordenação da escola as

ações eram contornadas e as relações reestabelecidas, evidenciando sempre o que de fato era melhor para o aluno.

A intervenção aconteceu em algumas aulas de português e outras de matemática, onde a professora me direcionou e me deixou bem à vontade para conduzir com os alunos, seguindo sua orientação à medida que a aula acontecia. Para este relato destaco a atividade de matemática, onde as crianças resolviam as operações matemáticas através das informações contidas em prendedores de roupas...

A resolução de probleminhas matemáticas transformada em uma interessante brincadeira, que estimulava também a coordenação motora dos alunos ao conseguir prender o prendedor no palito de picolé, que servia como base para demonstrar as operações.

Felizmente, a última experiência de estágio, proporcionou-me um aprendizado ímpar, pois conheci novas maneiras de trabalhar o lúdico, assim, posso dizer que não finalizei a graduação sem conhecer uma fatia do aprendizado lúdico no ambiente escolar. A professora atuante na turma e 1º ano/9, demonstrou as características essenciais que devemos adquirir para obter um bom desempenho diante das atividades desenvolvidas, no meu parecer. Seriedade, competência, afetividade, domínio, capacitação, discernimento, habilidade e ser perspicaz.

As decepções presentes até a realização do último estágio foram omitidas do meu aprendizado como pedagoga e apesar de considerar-me sem perfil para atuar em sala de aula, neste vivenciei relações afetivas enobrecedoras que enriquecem qualquer prática. Posso dizer que prestigiei aulas com metodologia lúdica desenvolvidas na sala de aula de forma expressiva, determinada e responsável, mediadas por uma profissional que acredita nessa forma de aprendizagem e contribui profissionalmente para que o aluno se desenvolva a partir das práticas propostas simultâneo ao que já existe consigo.

6.5 Estágio não supervisionado: Uma experiência sem estímulo

Paralelo ao estágio realizado na UEI, realizava outro estágio no ensino fundamental I, em uma escola tradicional de Belém, na turma 1º ano /9. Nessa

instituição observei a professora sem domínio algum atualizado, para mediar atividades e controlar a turma. Em suas aulas utilizava apenas o livro didático e algumas folhinhas de exercícios elaboradas por outra pessoa. As decorações da sala de aula, eram todas confeccionadas por outro profissional, a professora não possui criatividade para confeccionar nenhum tipo de acessório para sala de aula que representasse alguma data comemorativa nacional, por exemplo. Visivelmente não possui habilidade para trabalhar as particularidades de cada criança, dificilmente conseguia trabalhar as subjetividades de seus alunos.

Na turma pude observar que havia crianças matriculadas com algumas especificidades e que precisavam ser trabalhadas, mas que, aparentemente, a professora não se dedicava em conversar com a família para ir em busca de acompanhamento adequado. A rotina era sempre muito corrida e desgastante, talvez, devido à idade, a professora, cansava-se rapidamente ao cuidar dos seus alunos. Na turma existiam 26 alunos, onde uma era autista, sem laudo apresentado pela família, mas com características peculiares, entretanto a professora não possui domínio para lidar com essa situação.

Atuei nessa turma durante 7 meses, e ali via o papel do professor como algo conturbado nas atitudes daquela profissional. Não transmitia segurança diante das relações com as crianças, não obtinha conhecimento lúdico, as aulas eram sempre uma mesmice sem nenhum atrativo. Por poucas vezes observei-a extraindo alguma informação existente no seu aluno. Introduzia as informações para turma à sua maneira, assim, não obtinha a atenção da turma voltada para si, muitos alunos ficavam dispersos, porque a professora não trazia para suas aulas nenhum elemento que despertasse a curiosidade e os motivassem a desempenhar melhor suas habilidades.

Apreendi muitas coisas, sobre ser um bom educador, pois da visão negativa que obtinha, compreendi que o título não reverencia um profissional, mas sim as atitudes, as relações e a capacitação constante, vinculadas ao aprendizado acadêmico enobrece sua profissão e o destaca diante das oportunidades.

7. Relações e Aprendizagens

Quando ensinamos o que a escola nos propõem, partimos da concepção adotada pela mesma que, muitas vezes, divergem da atual realidade das formas de transmitir o conhecimento para o aluno. O professor limita-se a ensinar da maneira que a escola determina, seguindo a ética escolar correspondente aos conceitos designados para o acolhimento dos alunos. Observa-se que, partindo dessa imposição, a relação da instituição com o professor de sala de aula, prejudicará o aprendizado do educando, ainda que o educador em sala obtenha habilidades para desempenhar a mediação das atividades propostas, estas só poderão ser aplicadas com a liberação da escola.

Além da conturbada relação entre instituição e professor presente em escolas específicas, observei que em algumas escolas em que estagiei poucos professores estavam aptos para desenvolver atividades que pudessem elevar as habilidades dos alunos dentro de sala e no convívio social. Alguns destacavam-se pela atenção em identificar as subjetividades de determinadas crianças e usá-la a favor das mesmas o que contribuía consideravelmente para o crescimento desta como ser capaz de desempenhar um papel em determinadas atividades dentro da escola ou fora dela. Embora a falta de competência dos professores influenciasse para transmissão de conhecimentos durante a mediação das mais simples atividades escolares, importante destacar que a precariedade de muitos recursos didáticos inibia a ação de outros profissionais para execução de algumas atividades propostas.

No contexto, família x escola, testemunhei a grande dificuldade de relacionamento das partes, devido a atitude de inibir os acontecimentos familiares que muito influencia no comportamento de uma criança. A aproximação com a família é uma batalha que as escolas enfrentam com muitos alunos, pois muitos pais não entendem que a parceria com a escola é primordial para o desempenho da criança durante a realização das tarefas escolares e do seu desenvolvimento.

[...] A vida na instituição infantil deve funcionar com base na tríade pais-educadores-crianças. O bom relacionamento entre esses três personagens é fundamental durante o processo de inserção da criança na vida escolar, além de representar a ação conjunta rumo à consolidação de uma pedagogia voltada para infância". (Forest e Weiss)

É importante ressaltar que a partir dessa parceria o professor pode tornar-se capaz de mediar as relações com os alunos promovendo o desenvolvimento na aprendizagem dos mesmos, pois assim é possível trabalhar com eles os conhecimentos internalizados do meio social (histórico-cultural), por isso é necessário atentar-se ao autoconhecimento do aluno, esclarecendo que a família é a peça principal que serve como base para construção desse aprendizado.

Segundo Mello, compreender o ser humano como um ser histórico – cultural é entender o conceito de desenvolvimento como formação de qualidades humanas não presentes no sujeito no nascimento, onde o indivíduo se apropria dessas qualidades no processo de produção da cultura.

[...] a própria essência do desenvolvimento cultural está na colisão entre as formas culturais de conduta que a criança vai conhecendo e as formas primitivas que caracterizam seu comportamento” (Vygotsky, 1995, apud, Mello)

Em uma análise às escolas públicas e privadas observei que as dificuldades para contornar esse tipo de relacionamento são as mesmas. Embora alguns pais entendam que a escola desempenha o papel de contribuição para aprendizagem e desenvolvimento das crianças, em determinadas situações, este se torna omissos aos acontecimentos que podem atingir afetivamente as atitudes da criança no setor escolar e social. Ao contrário dos omissos, os parceiros procuram a escola na tentativa de somar e conduzir juntos o desenvolvimento do aluno, construindo a formação do caráter, estimulando as habilidades físicas, cognitivas, motores e afetivas corroborando para absorção de conhecimentos indispensáveis à sua aprendizagem.

Enquanto aos professores, verdadeiros mediadores desse processo, do ponto de vista observado, muitos ainda precisam obter maiores habilidades e conhecimentos para continuarem exercendo sua profissão, possuir um diferencial para obter a atenção dos educandos e construir juntos o conhecimento.

Nas experiências vivenciadas encontrei muitos dispostos a ajudar, a colaborar na formação de um bom cidadão, entretanto, tantos outros deixam a desejar quando o assunto é estimular, pois aparentemente encontram-se acomodados exercendo seu papel apenas de professor transmissor de conteúdo, sem se importar com as dificuldades presentes em cada aluno.

Lamentável, nos dias atuais, ainda existirem obstáculos para conduzir os caminhos da educação. Falta de recursos, profissionais pouco capacitados, estruturas desfavoráveis, relacionamentos conturbados. Diversas situações estão presentes em nossa rotina que enfraquecem o desempenho escolar tanto da instituição como a dos alunos, por isso é fundamental fortalecer uma aliança com o único objetivo de contribuir para a formação de caráter de uma criança, a partir de um processo de ensino aprendizagem em que esta torne-se um indivíduo pensante e formador de opinião, empenhado a estimular a educação através da educação. Seguindo o que sugere o artigo 8º da CNE/ CEB 5/2009:

[...] A proposta pedagógica das instituições de Educação Infantil deve ter como objetivo garantir à criança acesso a processos de apropriação, renovação e articulação de conhecimentos e aprendizagens de diferentes linguagens, assim como o direito à proteção, à saúde, à liberdade. À confiança, ao respeito, à dignidade, à brincadeira, à convivência e à interação com outras crianças.

As vivências escolares me proporcionaram observar um leque de situações, diferenças, acontecimentos, particularidades, momentos que emocionaram, indignaram, fortaleceram e decepcionaram. As intervenções, as experiências, as trocas de conhecimentos muito contribuiu para minha formação. Apesar de muitos educadores possuírem uma certa aversão em transmitir o conhecimento adquirido para o outro, encontrei, ao longo da minha caminhada, profissionais dispostos a colaborar, expondo seu ponto de vista e enriquecendo o aprendizado assimilado na universidade.

Muitas oportunidades, diferentes pessoas, diversas trocas, subjetividades, crianças pluriculturais, emoções a serem exploradas e muitos trabalhos a serem feitos, além de inúmeras metodologias a serem adotadas na realização de atividades e na transmissão de conteúdo. Porém, poucas vezes presenciei um educador utilizar recursos lúdicos para estimular a aprendizagem dos alunos. Talvez não tivessem conhecimento para mediar uma atividade lúdica ou não achasse necessário, uma vez que o livro didático seria a única ferramenta utilizada para a ministrar as aulas.

Observando que as brincadeiras podem contribuir para a interação das crianças no meio em que estão inseridas promovendo a construção de seu conhecimento, experiências diversificadas, vivências pluriculturais, e o incentivo às curiosidades e explorações, o artigo 9º da resolução CNE/ CNB 5/ 2009 propõem que, *a proposta*

curricular da Educação Infantil deve ter como eixos norteadores as interações e as brincadeiras.

Na universidade ouvi muito sobre atividades lúdicas, realizamos algumas atividades no decorrer das disciplinas que demonstravam o quanto essa “pegada” poderia contribuir para uma boa relação entre o professor e aluno como fator determinante para o processo de ensino aprendizagem. Uma vez que o professor seja um bom mediador a ação será desempenhada com eficácia. Segundo Maboney e Almeida, 2005, p. 12 afirmam,

[...] O processo de ensino aprendizagem é o recurso fundamental do professor: sua compreensão, e o papel da afetividade nesse processo, é um elemento importante para aumentar a sua eficácia, bem como para a elaboração de programas de formação de professores.

Os autores garantem que, para atingir seus objetivos o professor deverá confiar na capacidade dos alunos, ensinar promovendo o desenvolvimento de ambos, compreender que o desempenho das tarefas no cotidiano escolar lhe revelará diferentes saberes construídos no tempo, na socialização familiar, escolar, profissional numa integração cognitiva-afetiva (conhecimentos, concepções, crenças, valores), e que as emoções e os sentimentos estarão presentes em todos os momentos interferindo em suas atividades, podendo variar sua intensidade em função do contexto. Enquanto ao aluno, este possui características próprias, conforme seu desenvolvimento, tem saberes elaborados de acordo com sua condição de existência, funciona de forma integrada e busca na escola motivações diferentes para seu aprendizado. Por isso, *o grande desafio do professor, que teve uma formação na qual sua integração não foi levada em conta, é enxergar seu aluno em sua totalidade e concretude* (Maboney e Almeida, 2005, p.12)

[...] O processo ensino aprendizagem no lado afetivo se revela pela disposição do professor de oferecer diversidade de situações, espaço, para que todos os alunos possam participar igualmente e pela sua disposição de responder às constantes e insistentes indagações na busca de conhecer o mundo exterior, e assim facilitar para o aluno a sua diferenciação em relação aos objetos” (Maboney e Almeida, 2005, p.22)

Identificando-me com o processo citado, concordo que as atividades lúdicas devem ser inseridas no contexto escolar a fim de promover o desenvolvimento do aluno a partir dos conhecimentos adquiridos e introduzindo nos mesmos, novas formas de aprendizagem. Assim, arrisco dizer que a apropriação do saber lúdico

pretende renovar as relações entre os alunos e os professores, portanto é fundamental que a mediação transmita segurança e estimule a curiosidade para que o educando se insira automaticamente no processo.

8. Considerações finais

A infância foi uma fase da vida da criança negligenciada por muitos anos, os adultos as tratavam de forma igual, sem regalias. Felizmente, o cenário mudou e as crianças passaram a ser vistas como um indivíduo que necessita de cuidados, orientação e educação. Atualmente as políticas alcançadas pela sociedade fortalecem os direitos e deveres da criança expressos na sociedade relacionados à saúde, proteção, moradia, lazer e educação.

Com os direitos adquiridos as relações que dizem respeito as crianças passam por provações todos dias, principalmente quando falamos do ambiente escolar, onde por muitas vezes as famílias omitem-se, ao invés de se aproximar da escola para conduzirem juntos o desenvolvimento de uma criança.

Buscando incentivar cada vez mais o processo de ensino aprendizagem das crianças, defende-se neste trabalho o saber lúdico como uma metodologia capaz de motivar o interesse dos alunos na sala de aula diante dos conteúdos abordados, principalmente na educação infantil. Para isso é indispensável a ação de um profissional competente, capacitado atribuído como mediador das atividades propostas, resgatando os saberes existentes do educando e apresentando-lhe novas formas de aprendizagem que possam contribuir para seu desenvolvimento como um cidadão reflexivo e crítico, atribuindo características ímpares na sua personalidade.

Os jogos, as brincadeiras e os brinquedos, precisam ser introduzidos durante a realização das atividades escolares, de modo que o aluno reinvente seus saberes, estimule sua criatividade e acrescente novos conceitos às percepções adquirida do meio em que vive. As escolas precisam atribuir recursos e fortalecer as práticas pedagógicas para que os professores possam ter domínio de realizar atividades lúdicas que proporcionem aos educandos a socialização e a contribuição para o seu aprendizado.

Embora muitas escolas, ainda não utilizem essa metodologia para transmissão de conhecimento, é importante ressaltar que é uma prática interessante e que garante a atenção e o bom desempenho do aluno quando mediado de forma excepcional.

Bons profissionais poderiam se dedicar à execução da prática lúdica, aliando-se aos que já a executam fortalecendo nas instituições a enriquecendo trabalho pedagógico e fortalecendo as relações entre os atuantes do processo de ensino aprendizagem, pois confio que o desenvolvimento das atividades lúdicas contribui indiscutivelmente para formação do educando como cidadão e do profissional como mediador a cada retorno obtido de uma criança.

9. Referências

ALVES, Laura M S A. **Em busca da infância perdida: A criança brasileira nos discursos narrativos de Gilberto Freyre.**

BANDEIRA, P O; SOUZA, P K T de, **O Lúdico E Suas Contribuições Na Educação Infantil**

<https://repositorio.ufpb.br/jspui/bitstream/123456789/2431/1/POB19012016.pdf> em 06 de julho de 2019

BARANITA, Isabel M da Costa, 2012 **A Importância Do Jogo No Desenvolvimento Da Criança** Relatório de Pesquisa Bibliográfica – recorte Lisboa

CORDAZZO, Scheila T D e VIEIRA, Mauro L, 2007 **A Brincadeira e suas implicações nos processos de aprendizagem e de desenvolvimento** www.revispsi.uerj.br/v7n1/artigos/html/.

CORTE, Anelise C. Dalla; LEMKE, Cibele K., 2015 **O estágio supervisionado e sua importância para a formação docente frente aos novos desafios de ensinar.** https://educere.bruc.com.br/arquivo/pdf2015/22340_11115.pdf em 10 de julho de 2019

DIAS, Elaine, 1984 **A Importância Do Lúdico No Processo De Ensino-Aprendizagem Na Educação Infantil.** Revista Educação e Linguagem – Artigos – ISSN 1984 – 3437. Vol. 7, n^o 1 (2013) <http://www.ice.edu.br/TNX/storage/webdisco/2013/12/09/outros/2774a576f536917a99a29a6ec671de86.pdf> em 02 de julho de 2019.

FOREST, Nilza A e WEISS, Silvio L I **Cuidar e Educar Perspectiva para prática pedagógica na educação infantil.** <https://docplayer.com.br/2215211-Cuidar-e-educar-perspectivas-para-a-pratica-pedagogica-na-educacao-infantil.html> em 10 de julho de 2019

MABONEY, Abigail A e ALMEIDA, Laurinda R de, 2005 **Afetividade e processo ensino-aprendizagem: contribuições de Henri Wallon.** Psic da Ed, São Paulo, 20, 1º sem, pp, 11-30.

MELLO, Suely A. **Aprendizagem e desenvolvimento na perspectiva histórico cultural.**

Ministério da Educação – Conselho Nacional de Educação – Câmara de Educação Básica: Resolução nº 5, de 17 de dezembro de 2009 – *“Fixa as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil”*. Seção 1, p 18.

MIRANDA, Simão de, 2002, **No fascínio do jogo, a alegria de aprender,** Linhas críticas, Brasília, V8, N14, Jan/ Jun 2002.

TEIXEIRA, Sonia R dos S. **Concepções de criança, infância e Educação Infantil.**